

ANTROPOARTE, um projeto de extensão ou como praticar etnografia¹

Introdução

A cidade como cenários de oportunidade resume o questionamento inicial de uma pesquisa que desenvolvi como pesquisadora visitante do CNPq². A pesquisa foi realizada em vários lugares de favelas e conjuntos habitacionais na cidade de Campos de Goytacazes, cidade média, situada na região norte fluminense³. A pesquisa de extensão AntropoArte é um desdobramento da primeira pesquisa e tem como palco uma favela, chamada a Margem da linha (antiga linha férrea Rio Campos em terras pertencentes à uma usina), cujos moradores, em particular um grupo de jovens, vivenciaram períodos de remoção. Entre a experiência da imagem na etnografia e performance, a pesquisa de extensão desenvolvida traz interessantes cruzamentos entre arte, política, processo de urbanização bem como acesso diferenciado à cidade.

Este texto propõe uma reflexão crítica sobre como praticar etnografia a partir da experiência de pesquisa extensionista e sua metodologia ‘a ser inventada em comum’. Por isso, vamos analisar duas produções realizadas pelo projeto citado: a construção de um mapa falado baseada em encontros, caminhando na favela da Margem da linha e, um documentário etnográfico que resgata o processo de oficinas de fotografia e construção de uma performance.

¹ “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

Caterine Reginensi

Professora Titular

Uenf/CCH/LEEA

Pesquisa de extensão, etnografia, imagens,

² Pesquisa visitante CNPq 314049/2013-4, PPGSP/UENF. A cidade como arena de oportunidades: Etnografia das margens da cidade, estética e partilha política do sensível

³ Campos dos Goytacazes, cidade média, localizada na região Norte Fluminense possui 463.731 habitantes, 418.725 (90,3%) desses habitantes moram em zona urbana e 15.777 moram em favelas. A municipalidade de Campos lançou, em 2009, o programa habitacional Morar Feliz, tendo como meta construir 10 mil casas populares para famílias que vivem em áreas de risco ambiental e/ou vulnerabilidade social. Este programa, inspirado do programa do Governo Federal Minha Casa, Minha Vida, foi financiado com recursos provenientes dos *royalties* do petróleo e contemplou, em 2012, 5.426 famílias, que foram distribuídas em 14 conjuntos construídos em 10 bairros periféricos da cidade.

Contexto e protagonistas

A origem da Favela da Margem da Linha remonta à década de 1960, quando trabalhadores da Usina do Queimado iniciaram a ocupação das margens da linha férrea Rio-Campos em terras pertencentes à referida usina. Após a década de 1990, as terras da Usina do Queimado foram sendo loteadas, dando origem à construção de hipermercados, condomínios residenciais verticais. Destaca-se a implantação do Boulevard Shopping, em 2009, que acelerou o processo de especulação fundiária. Em 2014, duas mil, cento e noventa e seis pessoas residiam na favela da Margem da Linha, e trezentas e doze famílias decidiram mudar para uma casa do programa habitacional Morar Feliz, implementado pela prefeitura de Campos. As “casinhas”, como os moradores costumam chamar o Morar Feliz, casas situadas no município de Ururáí.

A pesquisa de extensão se alimentou:

- De um conjunto de referências da antropologia urbana e visual e de autores que discutem algumas questões urbanas e/ou performance teatral (COLLIER Jr, 2007, BARBOSA, 2016 COHEN –CRUZ, 2010), mas sobretudo, conta com a experiência de grupo de jovens da favela da Margem da Linha, o grupo de teatro Oriundo, um trabalho de investigação, ainda em andamento.
- Do campo da pesquisa etnográfica anterior, ou seja, a favela da Margem da Linha, favela em processo de remoção.
- Da dimensão devolutiva⁴ da pesquisa realizada como pesquisadora visitante e que permitiu, entre outras experiências, montar uma performance com o grupo Oriundo e que vivenciaram, a maioria deles, o processo de mudança/remoção.

A inserção da equipe de pesquisa de extensão⁵, na favela da Margem da Linha, deu-se através do Centro Juvenil São Pedro, tendo em vista que, na pesquisa visitante já havia realizado trabalhos com a comunidade a partir deste Centro, de modo que se estabeleceu uma parceria.

As imagens que fazem falar (BARBOSA, op.cit.) da Margem da Linha são recortes de tempo e espaço. Em primeiro lugar, os três marcadores espaciais e sociais,

⁴ Ver a introdução do Dossiê sobre as margens da cidade que coordenei, na revista **Terceiro Milênio**, julho/dezembro de 2015, pp. 13-19.

⁵ Duas bolsistas graduandas de Ciências Sociais (Gabriela Viana de Lima, Paolla Corrêa Azeredo) e três bolsistas de universidade aberta – sendo uma delas moradora da própria comunidade e membro do grupo Oriundo (Giovana Gomes Monteiro), uma professora do Centro Juvenil São Pedro (Jovana Patrícia de Hora Barcelos) e um graduando em Arquitetura e Urbanismo (Douglas Moreira Barros).

cujos vários moradores falavam durante a primeira pesquisa, ou sejam: a linha do trem; as casas/edificações e a vegetação, foram reapropriados pelos jovens do grupo Oriundo.

Esta experiência do cotidiano foi relatada a partir de cadernos de imagens que falam da rua, da ferrovia, dos muros. Trabalho de descrição permitindo uma narrativa. O trabalho etnográfico foi construído através de um conjunto de fotografias que alimenta a narrativa.

Figuras 1 e 2. Fotos que falam da Margem da Linha, imagens do grupo Oriundo, 04/2017



Figuras 3. Ensaio nos trilhos, créditos CReginensi, 05/2017

Por sua performance, os jovens artistas do grupo de teatro Oriundo enfatizam o caráter de uma exposição viva (REGINENSI, 2017) o que é usado para a contemplação (como é feito com uma obra de arte), para a educação científica (à maneira de um museu) e para entretenimento simples (como é o circo, por exemplo). Eles investem essas várias dimensões de suas vidas cotidianas e estão por sua vez na interseção entre arte, etnografia e espetáculo. Eles evidenciam o personagem construído, até mesmo imaginado nessas exposições. A paisagem em que esses jovens se encontram é a do seu *habitat* e do seu território vivido (a favela) e o fato de voluntariamente introduzirem elementos da cultura do samba, possibilita desempenhar a performance em qualquer cena e em um “*décor*” mais ou menos nua. Somente corpos e vozes que falam, cantam ou se calam, são expostos na encenação. Mas a arte da performance e a arte em geral devem ser pensadas como um tecido dissensual (RANCIERE, 2008, p. 82-84), ou seja, as situações reveladas na performance convocam a incerteza da realidade.

Mais além da performance a construção de uma mapa falado⁶

O mapa falado representa uma atividade do projeto AntropoArte e foi elaborado a partir de encontros com moradores em diferentes pontos da favela. No total foram vinte e seis (26) encontros, entre julho e outubro do ano de 2017, que permitiram o que foi chamada a construção de uma *caixa de palavras*. Os indivíduos abordados pelas ruas da favela estavam convidados a falar, em algumas palavras ou curtas frases, sobre o lugar onde eles moram e sobre os espaços urbanos mais distantes que frequentam, nas adjacências da comunidade e na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ. Podiam desenhar, se quiser, numa folha branca, a favela Margem da linha, o bairro e/ou a cidade de Campos dos Goytacazes, marcando alguns equipamentos e edifícios diversos, que achavam importante no cotidiano dos seus deslocamentos para ir trabalhar, estudar, visitar e comprar.

As entrevistas foram iniciadas durante uma tarde em dezessete de julho, próximo à Praça da Esperança, com quatro moradores e em meio a uma delas, ouvimos uma das frases que marcaria todo o percurso que se sucederia. “A Margem é um morar feliz!” advinda de um real defensor da permanência da comunidade, uma liderança, dita por trás do portão de sua casa que é face permanente para a observação da rua. “[...]devem existir

⁶ Trabalho construído com o bolsista de Universidade aberta que foi publicado nos anais da RAM 2018, Douglas Moreira Barros e Reginensi Caterine.

olhos para a rua, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua.” (JACOBS, 2011, p.35).

No dia três de agosto, iniciamos as entrevistas num ponto um pouco mais adiante em relação à entrada da Margem da Linha pela BR-101⁷, onde pudemos conversar primeiramente com um jovem que cortava o cabelo de outro próximo da linha e posteriormente com um grupo de mulheres que, sentadas, estavam na linha enquanto proseavam.

Foi neste momento que se percebeu uma das fronteiras na comunidade. Dentre as entrevistadas, havia habitantes tanto do lado de lá (Pq. São Caetano) quanto do lado de cá (Tapera) e eram claras as distintas visões de pertencimento com as questões até onde vai a comunidade, a comunidade como duas composições distintas, a quem se deve cada lado.

Fatos estes que veríamos acontecer novamente em momentos futuros e costumeiramente citados pelos moradores do lado do São Caetano como forma de inferiorizar de modo subliminar os que eram do lado oposto. Tal fato reserva o pensamento de como uma via expressa pode criar novos padrões e reorganizar concepções predecessoras. Sendo este similar ao acontecido no caso do Catumbi que antes voltava-se para Santa Teresa e posteriormente se viu aproximado ao então renegado Morro do Catumbi (VOGEL; MELLO, 2017 p. 59-64).

Contudo, foi um trabalho que na maioria das vezes terminou por gerar um certo desconforto nos entrevistados que se negavam a produzir os mesmos por vergonha de como ficariam. Mesmo quando era informado de que não era preciso saber desenhar.

Depois do trabalho realizado com os moradores foi hora de voltarmos para o grupo Oriundo no Centro Juvenil São Pedro. Com ele foi realizado a mesma conversa desejando respostas de modo individual, contudo, dotado da coletividade já que estavam todos ao mesmo tempo na sala da biblioteca, divididos em duas mesas grandes.

A metodologia aplicada foi a de coleta de papeis autocolantes individuais a cada jovem tal qual aplicada também no início com os adultos, que se envergonhavam em determinadas situações devido à dificuldade em escrever ou ao fato de simplesmente não

⁷ **BR-101.** Oficialmente é denominada Rodovia Governador Mário Covas e conecta Touros, Rio Grande do Sul a São José do Norte, Rio Grande do Norte de modo a atravessar doze estados brasileiros. No trecho onde atravessa Campos dos Goytacazes recebe o nome de Rio-Vitória.

saberem mesmo. Já o mapa falado foi a associação dos lugares que mais vezes foram citados pelos moradores da comunidade, pelos membros do grupo Oriundo de forma individual, bem como também uma representação da influência daquilo para a existência do grupo Oriundo como um todo. Os elementos da cidade que unem os membros, que levaram a existência e a permanência

Após ânimos bem aflorados, foi concluída a oficina individual, sendo requerido que os entrevistados em conjunto escolhessem respostas para as mesmas perguntas, mas agora como um grupo, tais como: quais os locais importantes na cidade para o grupo Oriundo, como um todo? O que o grupo pensa da cidade? Dentre outras. Neste dia a dinâmica contou com oito participantes.



Figuras 4 e 5. Entrevistados desenhando, créditos Barros D 18/10/2017

Figura 6. Grupo Oriundo contribuindo para uma cartografia coletiva da cidade produzida em oficina, créditos CReginensi, 08/11/2017



No mapa é possível perceber terminadas correlações ente palavras, o sensível e o espaço. Como o sensível se une numa percepção coletiva que é partilhada e coletada em uma via de mão dupla, mas que ao mesmo tempo abre margem para sentimentos individuais (RANCIÈRE, 2005, p. 15-16). Vivências únicas dentro de um território complexo:

Pelo termo de constituição estética deve-se entender aqui a partilha do sensível que dá forma à comunidade. Partilha significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas. » (RANCIÈRE, 2005 p.7)

Vimos assim como os moradores percebem a cidade através do mapa onde é visível a construção dos usos a partir de cada um dos grupos que contribuíram para a pesquisa e como o mesmo se correlaciona na ocupação urbana.

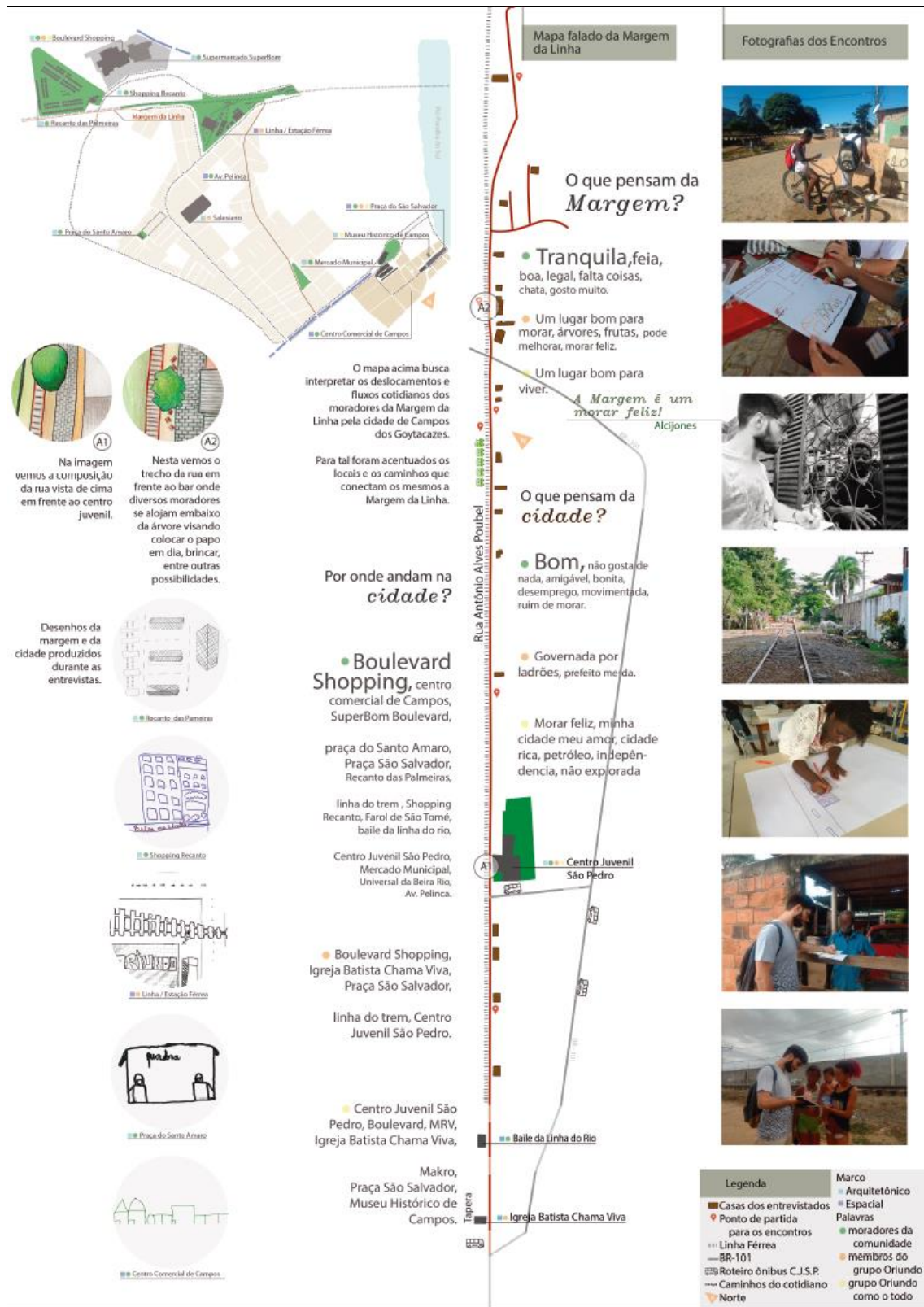


Figura 7. Mapa falado, créditos Barros D.

Um documentário etnográfico, processo de documentação visual e compartilhamento em processo de pesquisa

Abordo diferentes momentos das duas pesquisas mencionadas: a (s)pesquisa (s) de campo, o documentário como processo colaborativo/participativo e por fim, a edição do documentário.

Em campo

Uma cronologia - 2015/2016 – A partir de janeiro de 2015, comecei a frequentar regularmente a favela da Margem da linha. O olhar em movimento, como uma viagem, permitindo encontros, bate-papos, percursos e entrevistas, criando uma experiência a ser compartilhada. E, a fotografia capta as pessoas, as paisagens, a rua e aceiros, as casas, as marcas e rastros.



©CReginensi, rua Margem da linha, 06-03-2015



CONSTRUINDO ETNOGRAFIA

Figura 8. Construção de uma etnografia que explora as trajetórias da favela ao Morar Feliz, CReginensi.

Todas intervenções, planejada pelo poder público e, em particular pela Prefeitura, na cidade de Campos dos Goytacazes, provocam transformações profundas na vida dos sujeitos. Conheci a Margem da linha, a partir de um convite do Centro Juvenil São Pedro⁸

⁸ Instituição não governamental de assistência social, sem fins lucrativos, vinculada à Rede Salesiana de Ação Social (Resas), mantida pela Inspeção São João Bosco (ISJB) e implementada na favela da Margem da linha.

para conhecer a favela da Margem da linha e a situação de remoções que afeitera os moradores do local. Descobri que a situação de mudança na qual se envolviam os moradores era muito complexa, e decidi prestar atenção também a outros locais⁹. A organização dos dados recolhidos a partir de janeiro de 2015, na favela da Margem da linha, com observações repetidas e o registro de fotos permitiu discutir diferentes temáticas: os muros que cercam a comunidade e criam fronteiras internas, as casas e a rua, a vizinhança. Ouvi de alguns moradores suas histórias de vida e com eles aprendi a construir não apenas a etnografia, mas questões que formaram a base da pesquisa de extensão e mais tarde o roteiro do documentário. A experiência do cotidiano, durante a pesquisa como visitante foi relatada a partir de cadernos de imagens que falam da rua, da ferrovia, dos muros. Vou insistir sobre o interesse de abordar as trajetórias de vida dos moradores captados no seu cotidiano, e por isso “fazer variar o método” foi essencial para construir uma etnografia que seja também um processo de documentação visual das realidades observadas. Destaquei a importância de restituir o trabalho de pesquisa aos moradores de forma a ser pensado um espaço/tempo, durante a pesquisa, que deixe surgir as expressões de morar e atuar nas margens urbanas. Vale ressaltar o trabalho da professora Antenora Siqueira (2015) que escreveu um texto problematizando as expressões artísticas urbanas à margem da cidade. O texto, no dossiê sobre as margens, reflete sobre diferentes linguagens e expressividades que legitimam a pertença a um lugar de moradia, ao longo do tempo, e promovem projetos culturais que expressam estilos de vida urbanos. A favela constrói espaços de resistência aos preconceitos diversos que continuam a existir: um favelado é um ser estigmatizado, e assim emerge a figura do bandido. O território da favela é um espaço da invisibilidade, não figura na cartografia da cidade ou, se aparece, torna-se uma área de riscos que deve ser destruída. Mudar a imagem negativa persistente é o objetivo dos ativistas e capoeiristas participantes do seminário e que poderiam ser chamados, em referência a Gramsci, de “intelectuais das margens”.

Este trabalho de devolução foi particularmente bem-sucedido com a participação de Vincent Rosenblatt, fotógrafo¹⁰, que conseguiu criar uma cenografia apropriada ao

⁹ As primeiras observações foram realizadas durante dois meses, nas favelas Lapa/Parque Califórnia e no conjunto habitacional Portelinha e no Novo Jockey, casas do programa Morar Feliz

¹⁰ Fotógrafo profissional Vincent Rosenblatt, francês estabelecido no Rio, que tem registrado bailes *funk* desde 2005, <https://vincentrosenblatt.photoshelter.com>

contexto de remoção e de produção sociocultural na Margem da Linha (REGINENSI, 2015).

A pesquisa AntropoArte -2017-2018-

Um encontro decisivo foi com um grupo de jovens, praticando teatro (o grupo Oriundo) e capoeira, que foram integrados na fase devolutiva da minha pesquisa. Deve ser ressaltado que me concursei em dezembro de 2015 e integrei o corpo docente da Uenf em agosto de 2016. Foram realizadas diversas oficinas, no centro juvenil, em 2016 com os temas a Água e A Urbanização, oficina de grafite, oficina com o tema Os trajetos do Cotidiano e outra performance chamada Poisson (Peixe). Essas atividades formaram a base da construção da pesquisa de extensão AntropoArte que começou em abril de 2017.

O projeto de extensão universitária “Antropoarte na UENF” tem por objetivo contribuir para uma reflexão sobre a qualidade dos espaços de uso coletivo da cidade contemporânea.

A metodologia é inventada em comum com os meios de pesquisa em arte e antropologia com auxílio da fotografia, cinema, cartografia e performance.

Com esta atividade de oficinas de fotografia nos inspiramos do trabalho de um *setting* etnográfico¹¹, no sentido que Andrea Barbosa (2016, p.193) explicita, a partir da realização de oficinas de fotografias com jovens moradores de um bairro periférico de São Paulo, Bairro dos Pimentas, Guarulhos. As imagens que fazem falar da Margem da linha são recortes de tempo e espaço. Em primeiro lugar, os três marcadores espaciais e sociais, cujos vários moradores falavam durante a minha pesquisa, ou sejam: a linha do trem; as casas/edificações e a vegetação, foram reapropriados pelos jovens do grupo Oriundo.

¹¹ Deve ser indicado que nossa pesquisa tem uma duração de um ano e dificilmente pode ser comparada a pesquisa da Andrea Barbosa que organizou as oficinas durante quatro anos. Nosso desafio era de elaborar o olhar e construir narrativas por meio da fotografia, mas deixar uma expressão importante a realização da performance.



Figura 8. Oficina de fotografia, olhares dos jovens sobre o lugar, créditos grupo Oriundo

Inspirada pelo Jean Rouch, antropólogo-cineasta, no momento de pensar a produção do documentário, percebia a relevância de produzir *junto* com os jovens de Oriundo. Esta antropologia compartilhada conforme Rouch, foi nossa guia sem perder de vista o contexto da pesquisa suas limitações e suas dificuldades¹². Dois momentos desta construção serão apresentados: o roteiro e a escolha de um título, o processo de edição. Em dezembro de 2017, realizamos uma oficina de roteiro, e todos os participantes: bolsistas professores, e jovens do grupo Oriundo se familiarizaram a noção de roteiro como peça fundamental para a direção de uma obra audiovisual. Assistimos à projeção de um filme *Pimentas nos olhos*¹³ realizado pelo LISA - Laboratório de Imagem e Som em Antropologia e VISURB - Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas/UNIFESP. Os bolsistas de ciências sociais do projeto começaram a leitura do trabalho de Bill Nichols (2005) como introdução ao documentário, ou seja, documentário a primeira pessoa ou performático.

¹² Conseguimos trabalhar uma hora até duas horas por semana com o grupo Oriundo, a tarde das quarta feiras. Os jovens moram (8 sobre 12 participantes) distante da Margem da linha, nas casinhas de Taperá 3 e devem pegar um transporte depois da atividade de teatro.

¹³ <https://vimeo.com/lisausp/pimentasnosolhos>

Não foi possível de pensar em conjunto todas as situações a ser filmadas. Decidimos selecionar imagens minhas e dos jovens mais alguns filmes (registro da performance realizada em duas apresentações distintas: nos trilhos e no palco do centro de convenções da Uenf), e os jovens do grupo Oriundo escolheram o título do documentário entre 10 propostas expressadas: *Margem da linha, o meu lugar* foi a decisão deles. O documentário foi pensado como etnografia a partir de dois olhares que se cruzam: um olhar estrangeiro (o meu, antropóloga com sotaque parafraseando Claudia Fonseca, 2009) e o olhar dos jovens que moram na Margem ou moram na Taperá.



Figura 9. Oficina de roteiro, a escolha de um título

A dificuldade maior foi de capacitar uma bolsista do projeto para editar o documentário. A Universidade e o Centro de Ciência Humanas não têm condições para contemplar os projetos de extensão que trabalham com imagens e cinema. Foi necessário achar parceiro (prestador de serviço) exterior para finalizar o documentário no prazo de seis meses.

Em agosto de 2018, o documentário *Margem da linha, o meu lugar* foi instalado na plataforma *Vimeo* em duas versões: português e outra com legendas em inglês.¹⁴

¹⁴ <https://vimeo.com/281308664>
Senha de acesso: omeulugar

Conclusões preliminares

Trabalho de extensão é uma aventura humana com momentos intensos a ser compartilhados. Nosso objetivo era revelar o potencial que as metodologias visuais detêm tanto no momento de recolher as informações como no desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar e da construção de um processo de intervenções urbanas (MENEZES, 2011, p.3). Assim, ao longo da pesquisa de extensão se construiu um diálogo muito enriquecedor entre antropologia/arquitetura/urbanismo/arte, provocando às vezes alguns curtos-circuitos entre os membros da equipe.

Mediante as questões expostas e à análise que é fruto de uma coalizão de ciências foi possível fazer um estudo multifacetado da etnografia e cartografia da Margem da Linha, unidas a expressividade artística da performance.

Em quanto a produção do documentário junto com os jovens, vale ressaltar conforme Rosa Satiko e Carolina Caffé (2013, p.357) que:

A produção visual e etnográfica trabalha com atores sociais e não profissionais, e tem como cenário o ambiente imprevisível e arriscado da própria vida. Trata-se, portanto, de um processo fundamentado na incerteza, na imprecisão, na resistência e no resíduo. O resultado de um trabalho desta natureza pode muitas vezes ser considerado impróprio para a apresentação ao grande público, para os veículos tradicionais de comunicação em massa como a rádio, o cinema e a televisão, ou mesmo para fins didático, pois o resultado obedece a um tempo e um objetivo investigado que muitas vezes não correspondem às técnicas de comunicação de massa, da arte e da educação.

Depois de um ano de pesquisa de extensão começamos a perceber como grande é o desafio, principalmente a que se refere às possibilidades de produzir em comum e compartilhar conhecimentos e conteúdos de pesquisa com os atores/protagonistas que interagem com os alunos e cientistas sociais. A busca de “agenciamentos” (DELEUZE, GUATTARI, 1980) traz permanentemente um repertório de questões: o que e escrever? O que fotografar e filmar com a experiência do outro? Não existe formulas nem resposta definitiva, a partir desta experiência, curta, incompleta, insuficiente o mais importante e a relação que se estabelece entre diferentes vozes que contam histórias.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Andrea. (2016). “Fotografia, narrativa e experiência”. In Barbosa A., Cunha E.T. da, Satiko, R., Novaes, S.C. **Experiência da imagem na etnografia**. São Paulo: Terceiro Mundo.

COHEN-Cruz, Jan (org.), **Radical Street Performance: An International Anthology**. London/New York: Routledge, 2003.

COLLIER John Jr., Collier Malcom. **Visual Anthropology: Photography and research Method**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1986.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie**. Paris: Les Editions de Minuit, 1980.

FONSECA, Claudia. Trajetória de uma antropóloga com sotaque: entrevista com Claudia Fonseca. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 331-352, Dec. 2009 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832009000200014&lng=en&nrmiso>. Acesso abril de 2018.

HIJIKI SATIKO, Rose, CAFFE, Carolina. 2013. “Filme como etnografia compartilhada: em campo, na ilha, no ar.” In: Dawsey J., MullerR.Hijiki, R. Monteiro. M., **Antropologia e performance. Ensaios na pedra**. São Paulo, editora terceiro nome. 2013.pp. 339-360.

JACOBS, Jane **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MENEZES, Marluci. (2011). Das metodologias visuais à uma perspectiva interdisciplinar de abordagem das práticas sociais. Acesso in 09/2107 <https://www.researchgate.net/publication/317742672>.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução brasileira Campinas, Papirus Editora, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível: Estética e Política**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____, J. **Le spectateur émancipé**. Paris: La Fabrique, 2008.

REGINENSI, Caterine. Etnografia das margens da cidade: A Margem da Linha em Campos dos Goytacazes. Revista **Terceiro Milênio, Revista Crítica de Sociologia e Política**, 3 (2), 2015 :19-41.

_____”Não tem mais trem, mas tem ferrovia!”: imagens e performance como etnografia de um lugar chamado a Margem da Linha, Campos Dos Goytacazes, norte fluminense. GT N°69: Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas. **Libro de Actas. XII Reunión de Antropología del Mercosur** – Del 4 al 7 de diciembre de 2017RAM 2017, Posadas, Misiones, Argentina, dez. 2017, pp. 9525-9541.

REGINENSI, Caterine, BARROS, M. Douglas, “A experiência da imagem nos estudos etnográficos: aprendendo pela caminhada, fotografando e fazendo encontros.”. Anais “18th IUAES World Congress”, July 16th and 20th 2018 Federal University of Santa Catarina (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC), Florianópolis. OP048. **Cities and Images: ethnographic studies.**

SIQUEIRA, Antenora, M. Da Matta. “A produção nas margens: a capoeira como processo de resistência, luta e arte”. Revista **Terceiro Milênio, Revista Crítica de Sociologia e Política**, 3 (2), 2015: 145-160

VOGEL, Arno, MELLO da Silva, Marco Antônio e MOLLICA, Orlando/ Desenhos.2017. **Quando a rua vira casa.: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro.** 4e ed.rev. e aum.